

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ  
CAMPUS DE CAICÓ – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CERES  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-  
BRASILEIRA

ÉRIQUE DE MEDEIROS SILVA

SERRA NEGRA, NEGRA SERRA  
VESTÍGIOS DE UMA ESCRAVIDÃO

CAICÓ  
2016

ÉRIQUE DE MEDEIROS SILVA

SERRA NEGRA, NEGRA SERRA  
VESTÍGIOS DE UMA ESCRAVIDÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade Artigo, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, Departamento de História, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista, sob orientação do Prof. Dr. Almir de Carvalho Bueno.

CAICÓ

2016

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO -----	
3		
2	O DESBRAVAMENTO -----	
5		
3	A FAMÍLIA PEREIRA MONTEIRO -----	7
4	ESCRAVOS NA RIBEIRA DO ESPINHARAS -----	9
5	VAQUEIROS -----	
11		
6	NOSSA SENHORA DO Ó -----	
13		
	REFERÊNCIAS -----	
14		

SERRA NEGRA, NEGRA SERRA  
VESTÍGIOS DE UMA ESCRAVIDÃO

Érique de Medeiros Silva<sup>1</sup>

Almir de Carvalho Bueno – Orientador<sup>2</sup>

RESUMO

O presente Artigo trata em princípio, do contexto historiográfico existente no âmbito de formação de uma fazenda de gado no século XVIII, na ribeira do Rio Espinharas, buscando a duras penas, demonstrar a presença escrava e sua importância para a consumação e consolidação do lugar que mais tarde se tornaria cidade. Nesse ínterim, nos dois séculos seguintes, destacam-se o vaqueiro, uma figura mítica por entre os sertões, e a fé católica, mostrando-se intrinsecamente ligados ao cenário em questão. Velhos costumes, princípios de compostura e moral fizeram do povo de Serra Negra, à época, lugar calmo e pacífico.

Palavras-chave: Serra Negra, desbravamento, fazenda, escravidão, vaqueiro, religião

## 1 INTRODUÇÃO

À presente temática, buscaremos demonstrar a importância da mão-de-obra escrava no contexto historiográfico em questão, bem como, o desbravamento pioneiro na região que deu ensejo à formação de várias fazendas de criação de gado, não só habitando essa parte do Seridó, mas transformando-a em palco de sonhos e realidades

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Caicó, Departamento de História (DHC). E-mail: eriquemedeiros2009@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Caicó, Departamento de História (DHC).

dos que aqui decidiram fincar suas raízes, sua descendência. Para tal, necessário se faz, relatar os fatos que fizeram com que aqui aportassem as primeiras famílias e suas origens, para podermos entender qual era o verdadeiro propósito dessa empreitada. Não menos importante, se faz, demonstrar a fé como aliada de peso na construção de novos rumos, novas experiências, novas descobertas.

O interesse maior nesse estudo é tentar nortear não apenas a importância da mão-de-obra escrava negra, mas, as lutas e conquistas coletivas ao longo do tempo para que a região se mostrasse propícia ao seu propósito maior, ou seja, criar gado. Visto por esse ângulo histórico, algo que nos intriga, é o fato de nem mesmo a população negra local, saber sua origem, ou seja, se são ou não descendentes diretos dos antigos escravos da fazenda do Capitão Manoel Pereira Monteiro. Qual destino teriam tomado após a sua libertação em 13 de maio de 1888? Haveria algum vestígio de interligação entre os antigos escravos e os negros que habitam Serra Negra, hoje?

Buscamos justificar nosso anseio, na pretensão de observância acerca dos atributos e artifícios empregados coletivamente, por brancos e negros escravos, no manejo do gado e que levou conseqüentemente a criar toda uma estrutura em torno do desbravamento, da formação social, da religião.

Para tal, devido à grande carência em termos de pesquisa, até o presente momento, tivemos que nos limitar a fontes materiais escritas, as quais deverão ser dispostas de forma integrativa e elucidativas em relação a temática proposta, já que nossos autores não tiveram uma pretensão exclusiva em mostrar ou quem sabe, expor, o cotidiano das fazendas sob a ótica negra, ficando estancados apenas nos feitos de alguns membros familiares da aristocracia local.

A formação metodológica deste trabalho, deverá desenvolver-se sob uma visão expositiva, buscando de alguma forma possibilitar o discernimento acerca de dúvidas e questionamentos que porventura surgirem.

Foram obtidos resultados satisfatórios até o presente momento, onde podemos enfatizar a importância de levar ao conhecimento, aspectos culturais de nossa gente para as nossas escolas, e que sem dúvida, irá proporcionar uma visão mais crítica das trajetórias econômica e religiosa serra-negrense e de sua importância histórica e social.

## 2 O DESBRAVAMENTO

Pery Lamartine, em sua obra, “Serra Negra – Anos 30”, (2000. p. 15), expõe que, no final do século XVII e todo o século XVIII, o Brasil passou por grande atividade colonizadora no sertão das Capitanias da Paraíba e do Rio Grande. A época, dos desbravamentos e da ocupação dos espaços destinados à implantação das “fazendas de criar”. Esse movimento se desenvolveu nas chamadas “ribeiras” dos rios Acauã, Seridó, Quipauá, Sabugy, Espinharas e Piranhas, todos levando as águas para dentro da região Seridó. Esse movimento provocou o surgimento de povoações que se tornariam, no futuro, cidades. Serra Negra foi um desses casos específicos. Essa ocupação também deu ensejo a Guerra dos índios ou Confederação dos Bárbaros, liderada pelos Tarairiús, mais conhecidos por Janduís que tentavam a todo custo impedir a formação de fazendas em suas terras. Para garantir o povoamento e a fixação de fazendas na região, O Governo Real lançou mão de tropas cuja participação foi decisiva no conflito. Comandadas por homens de grande atuação, tanto na manutenção da ordem, como na ocupação das áreas, destacaram-se os irmãos “Oliveira Ledo”, de procedência baiana, cuja vida se confunde com a história de várias sesmarias concedidas naquele período, onde, dentre todas, a de maior notabilidade foi a Grande Sesmaria do Rio Espinharas, que cobria quase todas as terras da ribeira daquele rio. Entre os beneficiários estavam os Oliveira Ledo, o Alferes João de Freitas Cunha e outros. Essa data de terra nunca foi demarcada, haja vista o seu tamanho e as dificuldades enfrentadas à época em uma região inóspita. Posteriormente, os mesmos pretendentes fizeram novo pedido, com dimensões reduzidas e que assim prevaleceu. A partir de então, deram início as ações de ocupação, desbravamento e posterior implantação de fazendas de criação de gado objetivando a ocupação daquela ribeira, cujos documentos foram registrados na Bahia em 21 de fevereiro de 1670.

No início do século XVII, os criadores de gado da região de cana-de-açúcar da Paraíba e Pernambuco foram obrigados por determinação real, a se deslocarem mais para o interior, à procura de espaço para seus crescentes rebanhos, fato que resolveria o conflito entre estes e os donos de engenhos, duas economias que, naquele momento histórico, deixavam lucros à Metrópole Ibérica e uma não poderia subjugar a outra, dadas as imensidões ainda desabitadas. Subiram a Borborema onde fundaram algumas

localidades, dentre as quais, Campina Grande, e continuaram penetrando cada vez mais para o interior. Encontraram assim, as nascentes dos rios que correm para dentro do Seridó (rios Seridó, Acauã, Quipauá, Sabugy, Espinharas e Piranhas); descendo por eles, foram deixando suas marcas através de currais, as primeiras providências para se estabelecerem com fazendas de criar.

Quase na foz do rio Piranhas, hoje Açú, às margens da lagoa do Piató, havia a sede dos índios Tarairiús, caçadores e grandes guerreiros, atuavam praticamente na ribeira dos rios seridoenses e não demoraram muito a entrar em contato com os rebanhos de gado trazidos pelos vaqueiros, que diga-se de passagem, nesse primeiro momento, formados em sua maioria por negros escravos. Em sua concepção, de caçadores, nova caça. Começaram então os abates. A reação dos fazendeiros foi instantânea: acabar com a ameaça direta à sua empreitada. Ameaçados, os índios revidaram, dando origem a Guerra dos Bárbaros ou Confederação dos Cariris. Os Tarairius, liderados por Janduí, dominaram todo o sertão do que hoje chamamos de Seridó, com muita destreza e violência, atrasando a ação dos fazendeiros na implantação das fazendas, por um período entre os anos de 1687 até 1700. O Capitão-Mor da província, Gonçalves de Carvalho, viu-se na obrigação de pedir auxílio ao governo de Pernambuco, Capitania mais desenvolvida e portanto, mais bem protegida, para conter os índios. Lhe foi enviado o “Terço de Henrique Dias” para o vale do Piranhas (Açú), no entanto, sem obter o êxito almejado. Com o novo Capitão-Mor Afonso de Albuquerque Maranhão – neto do afamado Jerônimo de Albuquerque Maranhão – conseguiu aprisionar o índio Canindé, respeitado líder tribal, enfraquecendo em parte o avanço. Em seguida, o governo pernambucano deslocou reforços para o vale do Açú, por intermédio do bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, do qual obteve melhor êxito e que encontrava-se no momento de passagem por Pernambuco em direção à Palmares, a fim de sanar outro grave problema colonial. Em 1695, no governo de Bernardo Vieira de Melo, com a construção do Arraial de Nossa Senhora dos Prazeres em Açú, a 24 de abril de 1696, começou a pacificação dos indígenas, cuja guerra iria acabar de vez no ano de 1700.

A partir desse ano, os vaqueiros – em sua maioria escravos ou descendentes destes – recomeçaram a levar as boiadas, descendo as ribeiras dos rios em questão e implantando as fazendas de criar, muitas delas hoje transformadas em cidades como: Serra Negra, Currais Novos, Acari, dentre outras.

É extremamente intrigante o fato de não termos fontes que demonstrem claramente o papel importante do vaqueiro no desenvolvimento econômico e até mesmo social de nossa cidade, mas, busco em minhas memórias como historiador, a condição a que os mesmos foram submetidos como escravos e mais tarde, homens pobres e sem quase nenhuma expressão social, haja vista, o berço do qual vieram. Não culparia jamais o fato de não saberem seus descendentes, sobre suas raízes, já que as mesmas foram fincadas sob o domínio, a humilhação e a exaustão de um sistema pautado na exploração de um espaço territorial, a qualquer custo.

### 3 A FAMÍLIA PEREIRA MONTEIRO

A área correspondente à sede do município de Serra Negra, após concessão de sesmária, como já especificado antes, ficou com o Alferes João de Freitas da Cunha; por sua morte, passou para o irmão Domingos Freitas da Cunha e este vendeu por 600 contos de réis a Manoel Barbosa de Freitas, cunhado de um dos irmãos Oliveira Ledo. Manoel Barbosa de Freitas mandou situar ali uns “currais para implantação de uma fazenda de criar”. A causa que levou a fazer doação daquela concessão ao sobrinho Manoel Pereira Monteiro, Juiz Ordinário de Órfãos (Juiz de Menor), no Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó (atualmente Pombal). Foi relatado ainda por Pery Lamartine, em sua obra, “Serra Negra – Anos 30”, (2000. p.18-19), que 1728 foi o ano escolhido por Manoel Pereira Monteiro para se estabelecer em sua fazenda de gado, com toda sua família e agregados, inclusive escravos. Mesmo com residência no Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, a família Pereira Monteiro fez investimentos em suas terras; construíram casas, e em 1735, a primeira capela em homenagem a Nossa Senhora do Ó, concluída em 24 de agosto do mesmo ano. Poderá ser considerada, esta, a data da fundação de Serra Negra. Mais tarde adquiriram, por compra, o Sítio Arapuá do Capitão-Mor Theodósio de Oliveira Ledo, onde, por escritura pública, foi passada no Arraial de Nossa Senhora do Bonsucesso do Piancó, no dia 23 de dezembro de 1730.

Ao chegarem à ribeira do Espinharas, o local era conhecido simplesmente por “Os Currais do Espinharas”, o primeiro nome do local onde se ergueu a fazenda. Treze anos mais tarde, quando Manoel Pereira Monteiro requereu sobras de terras ao redor da



sua fazenda, em 1741, no requerimento ele já chamava a fazenda de Serra Negra. O que motivou o nome, até hoje, é uma incógnita. Para uns, o aspecto sombrio da mata que envolvia a serra, para outros, por causa de uma negra fujona, de índole má, ou que embrenhou-se na mata fechada da serra a procura de lenha e foi devorada por uma onça, animal que existia em abundância naquela época e que eram alvo de um dos filhos do Capitão-Mor, de nome Francisco e dois negros escravos de sua confiança, em suas constantes caçadas. Seu esporte preferido.

Ainda em referência a obra citada, “Serra Negra – Anos 30”, (2000. p. 20), pouco se sabe a respeito do pioneiro Capitão Manoel Pereira Monteiro, que em 1728 chegou aos “Currais das Espinharas”. Os documentos antigos encontrados em Pombal e Caicó forneceram pistas, de que o mesmo era residente do Arraial de Nossa Senhora do Bonsucesso do Piancó, tinha boa posição social e econômica, alguma instrução e liderança. Exercia a função de Juiz Ordinário de Órfãos além de ser Capitão das Ordenanças. Sabe-se também que era sobrinho de Manoel Barbosa de Freitas, cunhado de um dos Oliveira Ledo, desbravadores daqueles sertões. Embora não tenham sido encontrados documentos reveladores, sobre sua origem familiar, presume-se pelas ligações matrimoniais futuras dos seus familiares, ocorridas com parentes da região dos engenhos de Pernambuco (Goiana, Pau D’Alho, Serinhaém e Panati/PB, hoje Paulista), que Manoel Pereira Monteiro possivelmente seria português, ou filho ou ainda neto de portugueses. Pery relata ainda que, segundo Olavo Medeiros Filho, genealogista das famílias do Seridó, acha que o mesmo nasceu por volta de 1680.

#### 4 ESCRAVOS NA RIBEIRA DO ESPINHARAS

Em 1734, o Capitão-Mor Manoel Pereira Monteiro se estabelece com uma fazenda de criar onde hoje está localizada a Cidade de Serra Negra, construindo ali um sobrado tipo colonial à margem esquerda do Rio Espinharas, e uma capela cuja padroeira foi Nossa Senhora do Ó. Consta de moradores locais que o sobrado ficou de pé até a década de 1940, sendo demolido na segunda metade dessa mesma década e ainda, que na parte de baixo do mesmo existia uma senzala, donde abrigava os escravos da fazenda Serra Negra. Não há registros locais, como: quantidade, nomes, dos primeiros escravos que aqui aportaram, ou seja, daqueles que foram trazidos pelo próprio Capitão-Mor. No entanto, na obra “Memórias de um Sertanejo”, (1971. p. 230-231), de autoria de Arthépio Bezerra da Cunha, um dos chefes políticos locais, consta parte do testamento de Manoel Pereira Monteiro (2º), da Fazenda Dinamarca, filho do Capitão-Mor de mesmo nome, onde encontra-se arquivado no 1º Cartório aqui de Serra Negra, clássico exemplar em que deixa claro os nomes, idade, profissão, deficiência física e avaliação à moeda da época de 26 escravos de sua propriedade, os quais achei de bom grado transcrever como forma de enriquecimento cultural, entretanto, bem maior em termos de bens é o seu testamento, mas aqui apenas limito-me a parte que interessa: ESCRAVOS – Severino com cinquenta e três (53) anos - (500\$000), Inácio com cinquenta e seis (56) anos - (300\$000), Antônio com quarenta (40) anos - (700\$000), João Garcia com sessenta (60) anos - (400\$000), Luiz com quarenta e cinco (45) anos, doente - (400\$000), Luiz com quarenta e três (43) anos, sadio - (1.000\$000), Manoel Pequeno com quarenta e seis (46) anos, quebrado - (300\$000), Cosme com cinquenta e cinco (55) anos - (450\$000), Francisco com vinte e três (23) anos - (1.300\$000), José com seis (6) anos - (450\$000), Calixto com quatro (4) anos - (400\$000), Francisco com dezesseis (16) anos - (1.000\$000), Maria com dezesseis (16) anos - (1.300\$000), Maria (curta) com trinta e seis (36) anos, doente - (180\$000), Agostinha com quarenta e quatro (44) anos - (700\$000), Joaquina com trinta e três (33)

anos - (1.100\$000), Balbina com três (3) anos - (400\$000), Manuela com dois (2) anos - (250\$000), Lucinda com dezoito (18) anos - (1.200\$000), Liberata com seis (6) anos - (600\$000), Sabina com três (3) anos - (400\$000), Nicácio com três (3) anos - (1.000\$000), Gonçalo com cinco (5) anos - (900\$000), João com quatro (4) anos - (400\$000), Lourenço com treze (13) anos - (1.000\$000), Prudêncio com cinquenta (50) anos, sapateiro – (1.000\$000). Se aqui fosse transcrever todos os bens elencados do seu testamento, causaria no mínimo, espanto, haja vista a riqueza concentrada em suas mãos à época.

Segundo Pery Lamartine, em seu livro “Personagens Serra-Negrenses”, (2003. p. 39), o poeta Vergniaud Monteiro relatava ao mesmo que a primeira casa da fazenda do Capitão-Mor Manoel Pereira Monteiro, fundador, era de taipa e edificada no local onde está hoje a casa que outrora pertenceu a Epiácio Monteiro de Faria e que, o sobrado acima citado, primeira construção de alvenaria, só teria sido construído mais tarde. Consta ainda que em 1949, em uma grande enchente, foram descobertas ruínas de uma habitação, próximas a esta casa, que seriam da primeira senzala, ou seja, aquela improvisada aos escravos que ajudaram na construção da Fazenda Serra Negra.

Nenhuma prova material em concreto nos faz firmar uma rica convicção acerca da distribuição espacial por entre os descendentes dos primeiros escravos que aqui chegaram. O que podemos imaginar é que, com a morte do benfeitor Manoel Pereira Monteiro, sua herança foi distribuída entre seus descendentes, o que, entre seus bens, estavam seus escravos, que constituíam uma base sólida em termos de mão-de-obra, já que à sua época estavam atrelados grandes sacrifícios em prol da economia pessoal, local e conseqüentemente, colonial. A escravidão na Ribeira do Espinharas não foi diferente das demais existentes na região do Seridó. Tudo era voltado a ocupação, povoamento e exploração de uma área possivelmente capaz de gerar lucros.

Embora tenhamos claros indícios e relatos acerca da escravidão aqui existente, não se mostra tarefa fácil descrevê-la, haja vista o processo discriminatório existente até hoje em nosso meio, fato que não se mostrava de interesse dos autores locais descrever com detalhes aspectos da vida cotidiana dos escravos, nem tão pouco os benefícios ou mazelas, enfrentados por estes quando da empreitada aqui desferida com o intuito de transformar a região em um local propício ao desenvolvimento da pecuária. Dos escravos, apenas o trabalho.

Não se têm notícias em nosso meio sobre revoltas, fugas ou mesmo castigos severos para com os escravos. Se esses aspectos se fizeram presentes, logo trataram de torna-los invisíveis. Até mesmo porque em se tratando de escravidão, fica em evidência a condição de objeto a que eram submetidos os escravos. Seu descarte não era algo desejado, mas se fosse necessário, não lograva êxito algo como compaixão, pena ou coisa parecida.

## 5 VAQUEIRO

A imagem do vaqueiro sempre esteve atrelada ao desenvolvimento da arte de criar animais na Região Nordeste. Essa, é para mim, uma das partes da história serranegrense mais interessantes e prazerosas, e que tem por base o que sempre ouvi de meu saudoso avô, o Tenente José Felix Neto, filho de Guilherme José da Silva, da Fazenda Trapiá, ao qual relatava sempre que em Serra Negra mereceram destaque grandes figuras como o mulato Luiz Dias, descendente dos primeiros escravos que aqui chegaram e que na primeira metade do século XIX era conhecido por sua imensa experiência com a lida do gado e sua bravura sem limites dentro da caatinga, o que lhe rendia à época, a alcunha de “satanás”, dadas as suas pegas dos famosos “barbatões” – bois nascidos e criados no mato sem nenhum traquejo, mas que um dia, por infelicidade de um e felicidade do outro, boi e vaqueiro ficariam de frente e cumpririam seu papel.

Numa época em que cercas delimitadoras eram uma raridade e o limite apenas era imposto pelo tempo, Luiz mostrou-se diferenciado e eficaz em sua função, trabalhando na Fazenda Arapuá, do Comandante Superior Antônio Álvares Mariz. Os vaqueiros em sua maioria eram descendentes diretos de escravos índios ou africanos e logo aprenderam a trabalhar por entre as matas secas e tórridas do sertão. Fosse seca ou inverno, sua tarefa diária tornava-se inconstante a medida que os anos passavam. Muitas vezes se transformando em caçadores de onça, animal que abundava em nossas matas e que causavam grandes transtornos aos criadores, abatendo animais principalmente à noite.

Ao se chegar à invernada, juntavam-se todos os vaqueiros da região para a pega anual dos animais provenientes das crias, para que os mesmos pudessem ser separados e marcados a ferro, onde, os olhos dos donos estavam mais atentos ao seu patrimônio.

Fato curioso é que em uma dessas invernações, o famoso Antônio Pereira Monteiro (cangalha), senhor da fazenda Jerusalém, estava em companhia de sua futura esposa, quando percebeu estarem em momento de falha, seus escravos na arte de laçar os garrotes. Como era exímio laçador, foi ao encalço dos mesmos dentro do curral, fato que levou ao constrangimento de sua futura consorte, vê-lo em meio aos peões. Ao dar ensejo uma reclamação, o mesmo sentiu-se ofendido e desfez ali, naquele momento, o seu noivado, vindo a falecer anos mais tarde solteiro aos olhos de Deus, porém, de “mancebo” com uma de suas escravas, de nome Rosa.

Outro vaqueiro de grande destaque, já na segunda metade do século XIX e princípio do século XX, foi Guilherme José da Silva, outro mulato, proprietário da Fazenda Trapiá. Homem forte e íntegro, não se deixava balançar na arte de pegar bois. Apesar de bem sucedido proprietário, não gostava de ser chamado de fazendeiro. O casamento com Maria Monteiro Cavalcante, descendente da família Pereira Monteiro, fez dele homem de posição social invejável.

Guilherme do Trapiá foi um dos precursores que abriram o comércio de gado entre Serra Negra e Campina Grande na Paraíba. Suas boiadas eram tangidas durante dias, até o destino final. Atrás, vaqueiros de sua extrema confiança montados em burros e cavalos, e munidos de farinha de mandioca, carne de sol e rapadura, tudo em um só alforje colocado devidamente entre as selas de couro e a pele dos animais, para que não esfriasse e tivessem que parar para requentá-los. Em meio aos vaqueiros, dois animais atrelados a cangalhas e caçoares, preparados para retornarem a Serra Negra pelo Brejo paraibano, carregados de farinha e rapadura que abasteceriam a fazenda durante todo o ano em curso.

Segundo meu avô, foi no poço do Trapiá que o Capitão-Mor Manoel Pereira Monteiro, manteve durante anos, dois escravos, responsáveis por dar de beber água aos seus milhares de animais. Estes não podiam se afastar nunca do seu posto, sob duras penas se transgredissem ordens diretas. Sua alimentação consistia em farinha e carne, esta última, proveniente de um animal ovino que porventura era abatido para mantê-los no local designado.

As margens do Rio Espinharas, localiza-se até hoje sua fazenda. Não em tamanho original, mas com uma rica história que vai desde o marco inicial da Sesmaria concedida aos irmãos Oliveira Ledo ao pé do poço do Trapiá, até o acolhimento de vários membros da família Faria, que foram duramente perseguidos na década de 1930

pelos revolucionários políticos da “Revolução de 30”, como ficou conhecida, inimigos declarados de Juvenal Lamartine.

Estes vaqueiros, enquanto escravos, não percebiam nenhum direito pecuniário. Suas ordens eram obedecidas a fio, sob pena de castigos físicos. Mais tarde, com o advento da Lei Áurea, estes passam a receber por seus serviços de formas variadas, que iam desde parte dos animais nascidos no ano em curso, até salários pagos em dinheiro, o que fez com que muitos chegassem a ser proprietários de pequenas partes de terra, trabalhadas em regime comunitário com a própria família, muito numerosa.

## 6 NOSSA SENHORA DO Ó

Na obra, “Serra Negra – Anos 30”, (2000. p. 25-26), já citada anteriormente, Pery Lamartine exalta que o culto a Nossa Senhora do Ó, em Serra Negra, teve início no ano de 1735, com o pioneiro Manoel Pereira Monteiro, sua família e demais consortes (escravos). Estes foram a mão-de-obra devidamente necessária ao erguimento da primeira capela, que mais tarde, em 1774, foi demolida e mandada erigir pelos Pereira Monteiro, em um local mais apropriado e com bases mais sólidas. Presume-se que a primeira fosse mais próxima das margens do Rio Espinharas, fato que causava certo transtorno haja vista as enchentes constantes. Para comandar os escravos foram mandados vir de Portugal o artista João Isidoro, que foi quem traçou o plano da igreja, vindo também Tomás de Aquino, que foi o mestre das pinturas e dos desenhos.

No ano de 1858, o Presidente da Província, Dr. Antônio Marcelino Nunes Gonçalves sancionou a Lei 106 de 1º de setembro, criando a freguesia de Nossa Senhora do Ó de Serra Negra, a vigésima quinta do Rio Grande do Norte. Existiu na Igreja Matriz uma imagem do século XVIII, doada pelo Tenente Coronel Francisco Antônio de Medeiros, em sinal de agradecimento pelo fato de o seu filho, Padre Sebastião Constantino de Medeiros, haver sido designado o primeiro vigário da nova freguesia, e a qual foi furtada no dia 22 de julho de 1974.

A temência à Deus, característica imprescritível aos católicos e base formadora dos conceitos religiosos, éticos e morais da época, fizeram de Serra Negra uma fazenda,

que mais tarde passaria a cidade, contudo, não aproximou totalmente, “eticamente”, ao tempo e a hora, brancos e negros, escravos ou libertos, como todas as demais fontes expressivas de devoção existentes no Seridó, a exemplo de Sant’Ana em Caicó. Porém, essa característica fez nascer uma classe social voltada a fé e as boas ações, deixando de lado, muitas vezes, até mesmo o preconceito existente em torno da cultura africana que desempenhou papel fundamental na miscigenação do povo seridoense. É essa a visão que tenho do lugar em que moro, pelo menos, é isso que procuro desenvolver e perpetuar, ou seja, a igualdade entre todos. Para onde foram, os descendentes de escravos de nossa cidade ainda é uma incógnita, no entanto, nossa busca irá continuar para que possamos traçar propostas e metas à elucidação dos fatos.

## BLACK MOUNTAIN, BLACK MOUNTAIN

### TRACES OF A SLAVERY

#### ABSTRACT

This Article is in principle the existing historiographical context in the formation of a cattle farm in the eighteenth century, the banks of the River Espinharas, seeking the hard, demonstrate the slave presence and its importance for the completion and consolidation of the place later became city. In the meantime, the next two centuries, it highlights the cowboy, a mythical figure among the hinterlands, and the Catholic faith, being intrinsically linked to the scenario in question. Old customs, composure and moral principles made of Serra Negra people at the time, quiet and peaceful place.

Keywords: Black Mountain, clearing, farm, slavery, cowboy, religion.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Arthépio Bezerra da. Memórias de um Sertanejo. Rio de Janeiro: Edição Pomgetti, 1971.

LAMARTINE, Pery. Serra Negra Anos 30. Natal: Offset Gráfica e Editora LTDA, julho – 2000.

LAMARTINE, Pery. Personagens Serra-Negrenses. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2003.

MEDEIROS, José Augusto. Seridó. Brasília: 1980.

SILVA, Raimundo Nonato da. A Revolução de 30 em Serra Negra. Natal: Tipografia Galhardo, 1955.